

Conto

A Verdade Também Apanha - José Cândido

Quando chegou em Pipeiras o delegado Nonô Pestana foi aquele zunzum, aquele mal-estar. O delegado veio arrastando enorme palmatória. Era com muito orgulho que Nonô dizia mostrando o instrumento de trabalho:

— Comigo não tem esse negócio de confissão espontânea coisa nenhuma! Comigo todo mundo entra no instrumental. É o único jeito da autoridade saber se o sujeito é criminoso ou inocente.

E bem Nonô não havia arregaçado as mangas apareceu um retinto dizendo ter dado morte por esquiteamento a um tal de Chico Cabeção. Pelo que confessou estar arrependido e pronto a purgar, nas malhas da lei, o crime de sua lavra:

— Matei e enterrei Chico Cabeção no quintal de minha casa.

De fato, o esquiteado lá estava mortinho da silva de nunca mais voltar a ser Chico Cabeção. Foi quando o delegado, dentro dos seus princípios justiceiros, passou o confessante por uma palmatória braba e esperta. E o sujeitinho tanto apanhou que acabou desconfessando tudo. Jurou de mãos postas que era mentiroso e inventeiro. Que outro tinha esquiteado Chico Cabeção. E Nonô orgulhoso:

— É o que eu digo e provo. Não tem como uma palmatória para o suspeito contar a verdade. Se não ministro esse corretivo, o delegado Nonô Pestana, que sou eu, mandava para um cadeia de trinta anos um pobre inocente.

E soltou o homem.

Disponível em: <https://ururairado.wordpress.com/category/jose-candido-de-carvalho/>.

Acesso em: 10/10/2018

O menino e o Padre

Um padre andava pelo sertão, e como estava com muita sede, aproximou-se duma cabana e chamou por alguém de dentro.

Veio então lhe atender um menino muito mirrado.

- Bom dia meu filho, você não tem por aí uma aguinha aqui pro padre?

- Água tem não senhor, aqui só tem um pote cheio de garapa de açúcar! Se o

senhor quiser... - disse o menino.

- Serve, vá buscar. - pediu-lhe o padre.

E o menino trouxe a garapa dentro de uma cabaça. O padre bebeu bastante e o menino ofereceu mais. Meio desconfiado, mas como estava com muita sede o padre aceitou.

Depois de beber, o padre curioso perguntou ao menino:

- Me diga uma coisa, sua mãe não vai brigar com você por causa dessa garapa?

- Briga não senhor. Ela não quer mais essa garapa, porque tinha uma barata morta dentro do pote.

Surpreso e revoltado, o padre atira a cabaça no chão e esta quebra-se em mil pedaços. E furioso ele exclama.

- Moleque danado, por que não me avisou antes?

O menino olhou desesperado para o padre, e então disse em tom de lamento:

- Agora sim eu vou levar uma surra das grandes; o senhor acaba de quebrar a cabacinha de vovó fazer xixi dentro!

Disponível em:

<http://compartilhandosaberesaberes.blogspot.com/2016/04/o-menino-e-o-padre-interpretacao-de.html>. Acesso em: 10/10/2018

Triste fim

Era tarde sim. Todos estavam famintos. Portas bem fechadas. Como festa acabada. Jogo de azar. Vida sem sentido. Lágrimas em vão. Desabrigados do amor.

Recordo apenas isso. Nossos estômagos roncavam. E ninguém percebia. Pobre solitários noturnos.

Conheciam nossos vícios. Desconheciam nossos tombos. Equilibristas da vida. Mutilados da sorte. Atordoados pela fome. Barrados nos bailes. Estranhos no ninho. Avessos ao mundo.

Despedidos da vida. Sem outra saída. Cambaleamos nos becos. Fugimos da vida. De forma emergencial.

Triste fim.

Disponível em: <http://pequenoscontos.blogspot.com/>. Acesso em: 10/10/2018